

Propósito da Fundação é popularizar a Cultura em São José

Neste final de ano, a Fundação Cultural Cassiano Ricardo, através das comissões setoriais, avalia os projetos que vêm sendo desenvolvidos, define quais deverão continuar e os que serão implantados. Esse planejamento é necessário para que se possa consolidar cada vez mais sua proposta e atingir um de seus grandes objetivos: democratizar a CULTURA.

Uma Comissão Setorial constitui-se no canal aberto que liga a comunidade à Fundação Cultural, onde fluem os anseios do povo, considerando que essa Fundação é o órgão oficial de Cultura do município.

É imprescindível também a participação da comunidade. Participação, e não apenas reivindicações, muitas vezes apenas na hora em que reverterão em benefício próprio.

A entidade está aberta a todos aqueles que realmente têm uma contribuição a dar, a todos aqueles que têm um ideal e ajudam a construir. Esta tem sido, felizmente, a característica dos que fazem parte da Fundação, quer participando das comissões, quer como servidores da administração. Pessoas incansáveis, sérias, competentes e responsáveis. Graças a essa dedicação, sem limite de horários, de sábados, domingos ou feriados, a Fundação Cultural

hoje é acolhida com carinho, com respeito e cada vez mais pessoas que acreditam nesse trabalho buscam aproximação.

Espera-se que em 1993 possa ser realizado o sonho (porque merece e necessita) da construção, há tanto esperada, de um centro cultural, um espaço onde, além das atividades culturais, possam contar com centros de convivência para os artistas, espaço esse não disponível hoje pois contamos apenas com uma pequena sede administrativa; da aprovação da Lei de Incentivos Fiscais; da conquista de novos espaços culturais para instalação adequada do Museu Municipal, do Arquivo Histórico, de teatros, mais galerias de arte; e a ampliação do Projeto Marim Cererê, levando a CULTURA para um número cada vez maior de bairros, expandindo sua atuação.

A Fundação Cultural no momento está muito bem. Cresceu. Amadureceu. Está vislumbrando um horizonte amplo, pronta para grandes conquistas, para explodir em realizações, pois que este tempo e os recursos foram suficientes apenas para o trabalho de base e resgate da credibilidade.

Fátima Manfredini



Vamos preservar "A Esfera"

Veriano Takuji Miura *

A ESFERA — o jornal editado pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo, hoje na sua 15ª edição, surgiu a partir de um árduo trabalho da atual diretoria no sentido de resgatar a credibilidade da Instituição junto à comunidade de São José dos Campos e região.

Assim como a entidade que o edita, este jornal, a princípio criado apenas para dar suporte as atividades e projetos desenvolvidos, evoluiu e ganhou corpo. O nome dado, inspirado no poema "Translação", de Cassiano Ricardo, pressupõe e inspira forma, espaço, tempo e movimento.

O jornal "A Esfera", espelhando a Instituição, estará sempre em constante evolução. Como parte do processo nunca tomará forma definitiva. Hoje consolidada a Fundação Cultural, o "Esfe-

ra" continua sendo editado, não mais como um simples instrumento da diretoria executiva, mas como mais um importante espaço aberto às manifestações culturais. E mais, uma referência ao jornalismo de arte e cultura.

A próxima proposta evolutiva, será a ampla discussão de pauta a cada edição, através da criação de um conselho editorial, formado por representantes das Comissões Setoriais.

Atualmente, tanto do ponto de vista editorial como institucional, concordamos que o Esfera é um órgão que deva ser preservado e mantido sempre que houver produção cultural na cidade. Assim como a Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

* Diretor cultural da Fundação Cultural Cassiano Ricardo



CARTAS

Experiência exemplar

"Tendo encerrado o curso 'O Gesto no Trabalho do Ator' faço questão de manifestar oficialmente minha impressão sobre as atividades culturais desta Fundação. Habitado a ministrar oficinas em cidades do interior paulista nos últimos sete anos, não havia até o momento deparado com um trabalho da dimensão que a 'Cassiano Ricardo' atinge. Qualidade e quantidade associadas a seriedade e profissionalismo, num texto de jovens organicamente interessados no crescimento artístico de sua cidade, tornam a experiência que vocês desenvolvem não apenas importante, mas exemplar. A preocupação com a formação da base futura, no Projeto Martin Cererê, a pesquisa de folclore brasileiro, são acertos que se destacam no anêmico panorama da cultura

nacional na crise da era Collor. Enfim, sinto-me agradecido por participar, durante algumas semanas, de um projeto deste nível". Jurandir Diniz Júnior, do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp.

Grata satisfação

"Agradecemos a Fundação Cultural Cassiano Ricardo pela grata satisfação e magnânime apresentação do Coral Libercanto na programação especial do Festival da Primavera realizada no mês de setembro passado na Sala Luiz Piniheiro do Capitólio — Teatro Municipal de Cruzeiro. (...)". Prof. Dalva Regina T.S. Barcelos, da Coordenadoria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Cruzeiro.

EXPEDIENTE



Fundação Cultural Cassiano Ricardo



Prefeito Municipal Pedro Yves Simão
Fundação Cultural "Cassiano Ricardo"
Diretoria Executiva

presidente — Maria da Fátima Ramia Manfredini
diretor cultural — Veriano Takuji Miura
diretora administrativa — Olga Bagdonavicius

Conselho Deliberativo

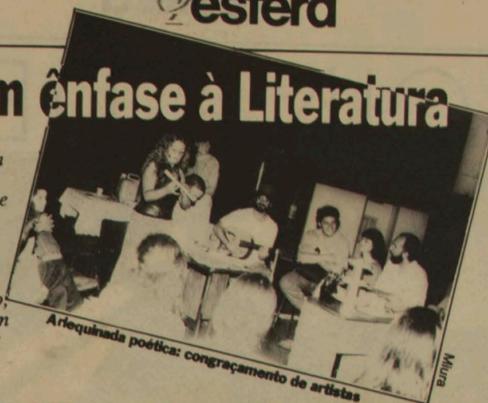
Artes Plásticas — Evando Eras
Cinema e Vídeo — Lúcio Carvalho
Dança — Clóvis Sanches
Folclore — Lourdes Rossi
Fotografia — Douglas Costa
Literatura — Beth Brait
Música — Lígia Maria Franco dos Santos
Teatro — André Freire

esfera

Informativo da Fundação Cultural "Cassiano Ricardo"
Edson Prince — Editor e Redator
Valdir B. Moraes — Diagramador
Roberto Amorim — Arte-finalista
Cláudio Márcio Ferreira dos Santos — Ilustrador
Marcos Alberto — Laboratorista Fotográfico
Inês Lebrão — Contato Comercial

Semana cultural com ênfase à Literatura

A produção literária joseense teve ponto alto na 25ª Semana Cassiano Ricardo quando novos poetas e escritores tiveram oportunidade de se manifestar, mostrando criações individuais e participando ativamente de encontros, palestras e mostras coletivas. Durante as comemorações ao Dia do Poeta (20 de outubro), os escritores puderam relembrar o clima dos antigos saraus num chá literário, na "arlequinada poética". Despertou interesse também a palestra sobre Literatura Anarquista, proferida por Sérgio Norte.



Arlequinada poética: conagração de artistas



Premiação de antologias (poéticas e de contos)



Lançamento de antologia da oficina "Vivendo Cassiano Ricardo"



Público participante de palestra



Poesia na Praça ("Afonso Pena")



Cena da peça "As Máscaras"



Homenagem à família de Menotti del Picchia



Hilda Jobim, "Juca Mulato" e "As Máscaras"



Vavy Pacheco, "Tenentismo" e "O que é história"



Luci Bonini fala sobre Cassiano Ricardo



Nello Andreotti, "SSO: O Mundo Pede Cultura"

Concursos literários abertos para todo o Brasil

Poetas e escritores contistas de todo o Brasil já podem inscrever suas obras inéditas nos concursos que a Fundação Cultural Cassiano Ricardo promove anualmente para a confecção de duas antologias (de contos e poética), que são lançadas na Semana Cassiano Ricardo, em outubro, com os respectivos trabalhos selecionados por um júri, coerente e talentoso.

As inscrições estarão abertas até 5 de abril do ano que vem. Os regulamentos da VIII Antologia Poética de São José dos Campos e da VI Antologia de Contos "Alberto Renart" estão disponíveis na Sala Velosa. Os concursos objetivam revelar poesias e textos inéditos, aprimorar o gosto pela literatura e incentivar novos escritores.

Para o concurso de poesias, o júri selecionará no máximo 100 obras. Cada autor inscreverá até cinco poemas. Já para o concurso de contos, cada escritor participará com três trabalhos. O júri escolherá 20 textos. Cada participante escolhido receberá 40 exemplares da obra publicada.

Capas das antologias

Mesmo estando distante o período das inscrições (9 de março a 12 de abril do ano que vem), os interessados em participar dos concursos para a confecção das capas das antologias podem começar a executar os trabalhos.

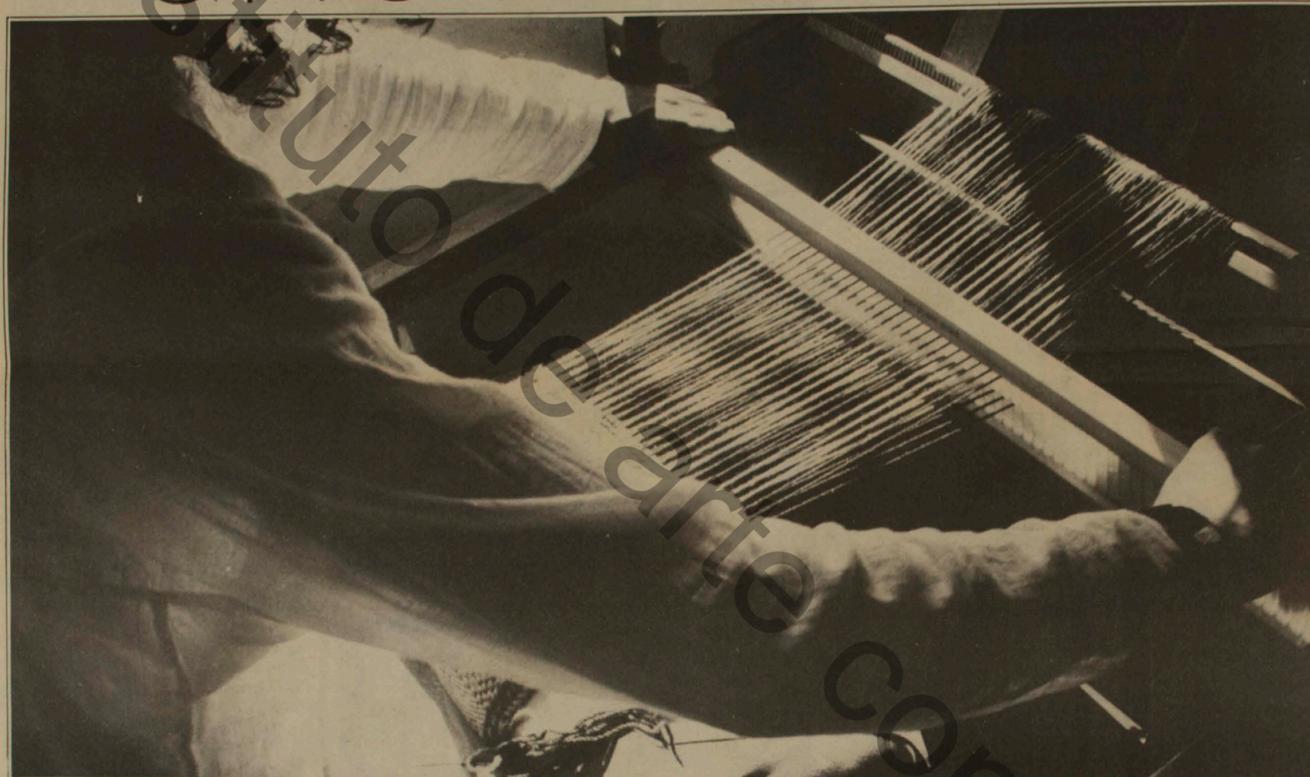
A capa do livro de poesias será feita por um artista plástico, que escolherá desenho, pintura ou gravura, cuja obra não poderá ultrapassar a margem de 21cm x 32cm (tamanho ofício), o suporte deverá ser em papel liso e branco e o desenho, pintura ou gravura deverá utilizar-se de tinta preta. O concorrente poderá executar o trabalho com fundo preto ou branco, desde que seja utilizada apenas uma tonalidade de cor (preta).

Para a capa da antologia de contos, o fotógrafo concorrente participará com até três fotos inéditas, tamanho 18 cm x 24cm, em preto e branco, de sua própria autoria. Também para a confecção das capas, o interessado poderá ser de qualquer cidade do Vale do Paraíba.

Maiores esclarecimentos sobre os concursos poderão ser obtidos no telefone 21-7344, ou por carta endereçada à Fundação Cultural Cassiano Ricardo, situada na Praça Afonso Pena, 59, centro, com o CEP 12 210-090. A entidade remeterá aos interessados de outras cidades o regulamento do respectivo concurso que a pessoa deseja participar.



OFICINA DE TEAR



Priscila Vidal

Criatividade: suporte para um trabalho diversificado e artístico

No final do ano, ocasião em que se encerram as aulas, Maura informa que os 10 participantes irão mostrar o que rendeu a oficina, inclusive com venda de trabalhos. A oficina é bem aberta, cada aluno opta por determinado tecido, entretanto, todos têm que aprender a trabalhar com o tecido batido (bolsa, tapete, pochete), o de alça (alça de violão, sapatilha, cinto) e o no pente fino (roupas em geral).

Maura lembra que o trabalho no tear exige criatividade. Depois do tecido pronto, pode-se fazer o que quiser, principalmente desenhos em cima. A base do tear são os fios fixos da urdidura, entrelaçados pelos fios da trama que formam o tecido. Em geral, os teares são desmontáveis e o tecelão pode transportá-lo para onde o chamar uma encomenda importante, por exemplo.

A combinação de fios mais finos com fios mais grossos produz excelente textura, com efeitos de baixo e alto-relevo. As padronagens mais comuns são as de temas geométricos, predominando linhas retas, eliminando-se praticamente linhas curvas. Apenas os tecelões negros da Bahia, que ainda produzem o chamado "pano-da-costa", nos oferecem maior riqueza de padronagens, com temas figurativos.

Os produtos da tecelagem são bastante variados. Mais tradicionais, no Brasil, são os cobertores, colchas, toa-

Trabalhos manuais, terapia e uma viagem para outro universo

Com iniciativa da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, dentro do Projeto Marim Cererê, Maura Cristina de Almeida vem orientando uma oficina de tear, desde meados de agosto, com aulas aos sábados, das 14 às 18 horas, no Espaço Cultural "Chico Triste". Há três anos trabalhando com tear, Maura diz que "é gostoso passar o que conheço, sempre aprendo com os participantes. Muitos têm outras habilidades manuais e sugerem novas maneiras de trabalhos. As adaptações dão certo".

lhas, "pano-de-calça" ou "riscado" e, de modo especial, as redes. A tapeçaria, que hoje ocupa muitos artífices, é fenômeno recente e é vista como obra de arte.

Fixada a tradição da confecção de redes, o Ceará se transformou no gran-

de centro de produção. Famosas são as redes de Mato Grosso, que se distinguem pelo intenso colorido e pela apurada técnica do lavrado, e as do Maranhão, pelo fino acabamento. Em Santarém, no Pará, e no Alto Solimões, Amazonas, fazem-se ricas redes de tucum, espécie de linho do vale.

Tipos de teares

Com um trabalho voltado mais para a arte, Maura esclarece que não gosta de produção, isto não a satisfaz. O rendimento é pequeno porque os tecidos demoram a ser feitos, para se montar o trabalho. O ideal é que a tecelã se especialize em um determinado artigo.

Há dois tipos de teares no Brasil, mas cada tipo pode oferecer diversos modelos e dimensões diferentes: o vertical e o horizontal. Maura trabalha com o tear de mesa, o mais difundido, introduzido pelos portugueses, instrumento que pouco evoluiu através dos tempos. Dos egípcios à Idade Média, dos primeiros tempos da colonização portuguesa aos nossos dias, continua o mesmo em suas características essenciais.

Para a produção de redes usa-se os teares verticais, cuja origem é controversa, faz-se a tecedura de baixo para cima. Esse tipo, com sua técnica, difundiu-se muito entre os indígenas da Amazônia, como documentou Alexandre Rodrigues Ferreira, no século XVIII, e em Mato Grosso. Curioso exemplo de adaptação nos é dado pelos teares do sudoeste baiano. Os pentes são feitos com talos de palmeira ou hastes de taboca.

"Tecer é fácil, mas exige paciência. Torna-se uma espécie de terapia. Quando se está tecendo, você esquece de tudo, vai para um outro universo, é uma 'viagem'", conclui Maura.